

das invisíveis palavras

Por todas as nossas relações...

EXPRESSÃO INDÍGENA DE CANTOS RITUALÍSTICOS

América!

És a minha nova África!

Construí-te com a força dos meus braços!

PAULINA CHIZIANE

1.

manhã:

planura de nudez sem plumas

súbito se desassombra e surge –

o que era promessa se fez terra

o que era terra se fez visão

e a visão se faz palavra:

“terra à vista!”

gritou o proeiro

então o binóculo do capitão-mor a trouxe para dentro

dos olhos, ao alcance da mão

ele a apalpou, mediu

e disse:

“se il paradiso terrestre è in qualche parte della terra...

será de muito gosto ao rei!”

minúscula, em sua mania ancestral de se fazer ao mar

e a outro reino, desde que seja outro

dobrar ao seu domínio

a caravela no oceano era folha suspensa no rio

(como o lançar-se quase de um aceno)

na costa infinita da outra margem:

uma nova margem

e um oceano infindo de floresta –

em meio à virgens ramagens, 50 milhões de almas
que consideravam de cada gesto as consequências
até a sétima geração
mas disso os navegantes não entendiam
tampouco quando um dia perguntaram à criança nua
com o corpo pintado de urucum:
“quem é seu pai?”
“é aquele!”
depois, apontou a uns homens que passavam:
“meu pai é também aquele, e aquele, e aquele”

onde não havia o fantasma do Pai
o paraíso poderia existir:
estava fundada *Guanahany!*

primeira missão:
nomear como Adão nomeou as coisas
desfazendo-as do que eram
pra que coubessem na boca –
aquela terra toda, naco de carne no mar
era preciso batizar e cultivar
(e que fazer se as necessidades do homem
são melhor atendidas pelas mãos de outros homens
mulheres e crianças?)

mas isso os indígenas não entendiam:
tiveram de matá-los para que entendessem
e encontrar outro paraíso disponível
onde houvesse mãos disponíveis –
então o botaló das caravelas rasgou as costas d’África

2.

enquanto aqueles, aqui estavam em sua terra
sob a envergadura das asas do Cosmo

(sem saber que eram índios)
estes, que chegavam na cela flutuante das caravelas
querer não tinham ante a pólvora
que atravessou os Pirineus
 mas não chegou à África:
eis que iniciava a pena de 12 milhões de almas
cujo fado selaram a uma terra além de mares
 nunca dantes desejados

*antes de embarcarem no porto de Ouidah em Benin, conta-se,
contornavam a Árvore do Esquecimento: 9 voltas o homem, 7
voltas a mulher, traindo assim o tempo, ao revés desfazendo as
pegadas da memória como se o vivo fora morto. no ritual, o vivido
cria raiz. marca-se mais fundo a dor do corpo em signo – nestas
voltas, porém se destecia a rede. a terra de origem se pulverizava
em palavra. a palavra se fazia silêncio*

(mas no breu da terra, quem sabe uma cor
noutra cor se encontre e forme
divisa de um novo tom cujo nome forma
 palavra cujo nome é Brasil?)
três cores fundidas em ferro candente
no crisol onde o metal mais fraco
 se derrete no mais vil:
cada cor-
da quer desatar-se do nó
 mas não pode
quer fugir à frente do espelho
 mas o espelho é labirinto
quer negá-lo, partir a imagem
mas já nos cacos de que faz parte
se multiplica onde, mais íntimo e remoto
 resiste a se reconhecer

o difícil de existir é aparecer
 mostrar-se por inteiro sobre a terra

esta aqui foi roubada por João
apalavrada por João, cantada por João
apossada por João, concedida a um João
decretada a um João, herdada a João

capitaneada por João, tomada de João
arrendada a João, vendida a um João
comprada de um João, confiscada a um João
terra que é de José –
terra que João não tem

se a terra não recebe o nome do fundador
recebe de suas feições a gramática:
cor da pele, rugas, tez –
é bater os olhos na cara e entender:
este possuiu terra
o outro nem torrão
terá, ou talhão
em que tombe lavra
em que assente casa
e plante a carcaça
quando à luz escassa
na hora marcada
a terra encontrar –
este possuiu terra
o outro só desterro
terá até o dia que ela
o possuirá

3.

mas os mortos voltam, levantados do chão

a palavra dos *griots* atravessa o tempo
e o canto dos pajés move as horas
o tempo é como um rio:
sua natureza é fluir

quando para, é espelho estagnado onde se imprime
sempre a mesma imagem

a cicatriz não disfarça a ferida:
revela
somos a mesma cicatriz, produto de três cortes
cujas cores e dores resistem à fusão
nas catástrofes e pandemias
o cabo de força da História se rompe
estoura sempre no mesmo lado
enlaça o mesmo pescoço
(enquanto as nossas cores contam, todas
a história do vermelho)

a língua portuguesa sob os trópicos
foi também a língua do medo
mas é no futuro que as línguas se articulam
(à palavra de hoje, é preciso
sobretudo, amanhã)

está tudo registrado na história dos ventos
e na memória das ondas

epilírico

no desenho da aurora que abdica de ser –
abdica girar de novo a máquina do mundo
reivindico a brisa bravia da palavra
e compartilho minha voz e meu grito
minha força e meu ódio
e o meu amor, sobretudo –
à flor que se recusa

as mãos despidas da aurora
recém desvestidas da luva da noite
modelavam o paraíso como um *alfarero* modela
quando, enfim se ouviu:
"terra à vista"
a terra aqui está, falta a vista a se fazer

(meu amor, sobretudo, compartilho
à língua que, africanamente nos une
à mesma *aupaba, dimatekenu* –
mesma origem)